

*A representação feminina em *Ponciá Vicêncio* de Conceição Evaristo

*Ana Gabriela Lima Vieira

RESUMO: O presente trabalho visa analisar alguns aspectos do ser-mulher na produção de Conceição Evaristo. Ser mãe, esposa e dona de casa era considerado o destino natural das mulheres e a literatura contemporânea tem refletido um novo jeito de dizer o universo feminino que não exclui a importância do homem, através de um posicionamento da mulher já esgotado por posições radicais que separavam o masculino do feminino numa verdadeira guerra entre os sexos.

Palavras-chave: Mulher; Alteridade; Feminino; Introspecção; Opressão.

A Literatura dialoga com a História procurando uma aproximação ou definição de seu campo real. Ela precisa estar intimamente ligada à História para que haja uma reformulação do passado para garantir assim, e cada vez mais, o futuro.

Os textos de autoria feminina surgiram timidamente na literatura brasileira. Durante séculos as mulheres não tiveram acesso à educação, não desenvolvendo hábito de leitura e escrita. Muitas escolas femininas ensinavam somente os conhecimentos básicos, até as mulheres completarem mais ou menos treze anos, quando se casavam e serviam enclausuradas a rotina doméstica.

No Brasil do período colonial, a fundação de universidades era proibida e o analfabetismo imperava. Somente alguns homens tinham acesso à educação – os que não eram pardos – em seminários de ordens religiosas. Para se inserir no contexto literário, a mulher teve que quebrar uma série de tabus e preconceitos, como afirma Nádya Battella Gotlib, no seguinte trecho:

A condição de subordinação da mulher brasileira, numa sociedade patriarcal, de passado colonial, tal como noutros países da América Latina colonizados por europeus, deixou as suas marcas. Talvez a mais evidente delas seja a do silêncio e a de uma ausência, notada tanto no cenário público da vida cultural literária, quando no registro das histórias da nossa literatura. (GOTLIB, acesso em: 23/05/05).

Durante séculos os homens tentaram definir a identidade feminina através de seus discursos. Não tínhamos identidade, éramos uma imagem refletida no espelho dos homens. No início do século XIX, as mulheres brasileiras, em sua maioria, viviam enclausuradas em antigos preconceitos e imersas numa rígida indigência cultural.

O século XX já inicia com uma movimentação de mulheres mais ou menos

* Graduada em Letras pela UFJF, especialista em Estudos Literários pela UFJF.

organizadas, que clamam alto pelo direito ao voto, ao curso superior, a ampliação do campo de trabalho, pois queriam não apenas ser professoras, mas também trabalhar no comércio, nas repartições, nos hospitais e indústrias.

A década de 1920 foi particularmente pródiga na movimentação das mulheres. Além de um feminismo burguês e bem comportado que logrou ocupar a grande imprensa, com suas inflamadas reivindicações, viu ainda emergir nomes vinculados a um movimento anarco-feminista, que propunham a emancipação da mulher nos diferentes planos da vida social, a instrução da classe operária e uma nova sociedade literária, mas discordavam quanto a representatividade feminina ou a idéia do voto para a mulher.

A partir de 1990, à medida que a revolução sexual era assimilada à vida cotidiana, as bandeiras feministas sofrem com a gradual acomodação da militância e o arrefecimento de uma história que começava a ser escrita. Em tempos de globalização selvagem, onde os saberes intuídos parecem ter a textura da areia movediça, tal em seu caráter difuso e maleável, feministas continuam assimilando novidades trazidas do exterior, subdivididas em interesses.

Os movimentos das mulheres, bem como os de negros, índios, homossexuais, africanos e outros assumiram a retórica da ruptura, investindo na derrubada das hierarquias, sobretudo a das distinções de gênero como construção discursiva, diversamente do divulgado processo natural, que privilegiava a condição anatômica da divisão entre os sexos. Os movimentos feministas empenharam-se na valorização das margens, em relação a onipotência do centro que, regido pela lógica binária, concedeu todas as prerrogativas ao pólo masculino, destinando a mulher a alteridade submissa e alienada. (CUNHA 1999, P.17).

Esses movimentos alternam os paradigmas socioculturais, libertando certas raízes canônicas do passado, ampliando-lhes o sentido em direção a um mundo mais consciente, como avalia Rosiska Darcy:

A emergência do Feminismo é, ao mesmo tempo, um sintoma difuso de nossa época e o desejo consciente das mulheres, algumas mulheres, que nele depositam seu contributo a civilização. O exercício desse desejo contém riscos. As mulheres que escapam do Eterno Feminismo e do mimetismo dos homens para o acidente da vida estão aceitando corrê-los. O que tentam viver não é essência cristalizada, não é imanência nem predestinação. É um continuum em que corpo, cultura, história e lugar social interagem, o que comporta inserção e configurações insólitas. O que defendem é uma igualdade inédita entre os sexos, o primado da diferença sem hierarquia e sem ambigüidade. (OLIVEIRA, 1993, P.17)

A possibilidade de expressão da mulher é sua melhor forma de ultrapassar a margem e, sem alterar a diferença, derrubar hierarquias.

A fala da mulher brasileira ecoou no momento da ruptura com a tradição, na deslumbrada descoberta do prazer, liberando, através do discurso poético, os conteúdos libidinais recalcados e exemplificados em Conceição Evaristo.

A autora representa vozes significativas, capazes de mergulhar em abismos de interioridade existencial, de revelar a mulher através de seus poemas com maestria de quem

sente e sabe seus conflitos, carências e preocupações. Pode-se apreender isso na poesia a seguir:

EU-MULHER
 Uma gota de leite
 me escorre entre os seios.
 Uma mancha de sangue
 me enfeita entre as pernas
 Meia palavra mordida
 me foge da boca.
 Vagos desejos insinuam esperanças.
 Eu-mulher em rios vermelhos
 inauguro a vida.
 Em baixa voz
 violento os tímpanos do mundo.
 Antevejo.
 Antecipo.
 Antes-vivo
 Antes agora o que há de vir.
 Eu fêmea-matriz.
 Eu força-motriz.
 Eu-mulher
 abrigo da semente
 moto-contínuo
 do mundo. (EVARISTO, 1990)

É importante refletirmos sobre a posição que a mulher ocupa na sociedade atual, visto que a literatura feminina questiona, lembrando sempre que a tirania do homem sobre a mulher, do pai sobre o filho, do rico sobre o pobre e do branco sobre o negro deve extinguir de nossa sociedade. A mulher contemporânea está experimentando um processo de profundas e agudas transformações em função da conquista do sujeito feminino. É um novo quadro que se insere na história da mulher na sociedade, mudando seu lugar social, reconceituando seu curso e discurso.

Poderíamos, por fim, dizer que a mulher foi fundamental para a construção dessa Literatura Brasileira que se faz nova a cada dia e que resgata valores adormecidos acerca de uma figura que abrilhantou a poesia e a prosa de nossa literatura.

A mulher é um ser diferenciado, deseja a liberação da dominação, da subserviência e da exploração, deseja também a transformação das instituições sociais de modo a anular qualquer opressão. Longamente reprimida, privada de sua condição de sujeito político/social, está reposicionando o ser humano e pondo em xeque a condição de sujeito excluído, marginalizado.

Elas deixaram de ser vistas como submissas e incapazes, consideradas realmente um sexo frágil, subordinado ao pai ou ao marido, mulheres castradas, cabisbaixas, sem o poder de emitir opiniões e se tornaram mulheres marcantes, seguras de si, de extrema beleza e dotadas de muita força moral.

O feminismo rompeu com os modelos políticos tradicionais e, ao apontar para o

caráter da opressão e para os aspectos emocionais da consciência, revela os laços existentes entre as relações interpessoais e a organização política pública. Ele busca repensar e recriar a identidade do sexo sob uma ótica em que o indivíduo, seja ele homem ou mulher, não tenha que adaptar-se a modelos hierarquizados e onde as qualidades “femininas” ou “masculinas” sejam atributos ao ser humano em sua globalidade.

A mulher é uma parte silenciosa da memória social, ausente dos manuais escolares e dos registros históricos. E, por seus horizontes terem sido tão limitados, ela foi excluída do mundo do pensamento e do conhecimento, tendo um poder imposto sobre sua condição de mulher e sobre seus filhos, o *paterfamilias*, poder este que a sujeitou à submissão e à total subordinação com relação à força.

Muitas mulheres, ao tentarem se rebelar contra o poder *paterfamilias* sofreram mais opressão e injustiça tais como prisão, agressões físicas, psicológicas e sexuais e até tiveram seus filhos mortos.

O movimento feminista surgiu para combater o silêncio e contestar a ideologia que legitima a diferenciação de papéis, reivindicando a igualdade em todos os níveis, seja no mundo externo, seja no âmbito doméstico e denunciar a manipulação do corpo da mulher e a violência a que é submetido, tanto aquela que se atualiza na agressão física – espancamentos, estupros, assassinatos – quanto a que se coisifica enquanto objeto de consumo. O movimento veio tentar livrar a mulher de opressões e humilhações a que é submetida pelo mundo machista para que não deixe de respeitar o pai para passar a respeitar o marido e ainda ter sua educação dirigida exclusivamente para os afazeres domésticos.

Milenarmente, as mulheres são punidas pela sua sexualidade. Nas culturas islâmicas, a tradição é que as mulheres tenham seus rostos cobertos por um véu. Na África, há tribos onde as mulheres têm seu clitóris decepado ou sua vagina costurada. Na China, até meados do século XX, em aldeias remotas os pés de algumas mulheres eram amarrados, pois a sua situação de escravidão era tão terrível que só assim seriam impedidas de fugir. Na Índia, até hoje há venda de mulheres. No Cristianismo, algumas foram sacrificadas pela Inquisição. Rose Marie Muraro nos faz perceber essas opressões que elas sofreram e sofrem nos diversos cantos do mundo e ainda nos acrescenta que “a mulher verdadeiramente feminina era a mulher silenciosa, passiva e inorgástica” (2002, p. 167).

Na verdade, relevante seria dizer o porquê dessa sujeição, da submissão da mulher ao homem, através de um estudo sobre os gêneros que abordasse a relação entre masculino e feminino.

1. Aspectos biográficos de Conceição Evaristo

Nascida em uma favela de Belo Horizonte/MG em 1946, Conceição Evaristo trabalhou como doméstica, conseguiu terminar o curso de magistério, mudou-se para o Rio de Janeiro em 1973. Formou-se em Letras (Português-Literaturas) pela UFRJ. Na década de 80, a autora toma conhecimento das atividades do Grupo Quilombhoje e da publicação, em São Paulo, da série *Cadernos Negros*. Em 1990, o número 13 de *Cadernos Negros* traz impressos os primeiros poemas de Conceição Evaristo.

É Mestre em Literatura Brasileira pela PUC/RJ e doutoranda em Literatura Comparada. Esteve como palestrante, em 1996, nas cidades de Viena e de Salzburgo/Áustria, falando sobre literatura afro-brasileira. Com textos publicados nos Estados Unidos, Inglaterra e Alemanha, além da coletânea *Cadernos negros*, do grupo paulista Quilombhoje, Conceição revela a riqueza do universo feminino desvendado na literatura afro-brasileira.

“Ponciá Vicêncio” é seu romance mais conhecido e foi recomendado no vestibular da UFMG. Escrito na década de 90, mas diante da recusa de várias editoras, Evaristo decidiu bancar os primeiros mil exemplares em 2003, porém, seu primeiro livro foi “Becos da memória”, escrito em 1988 e publicado em 2006.

Segundo Aline Alves Arruda, Mestranda em Teoria da Literatura pela UFMG, Evaristo demonstra seu testemunho de resistência (individual, a princípio, e coletiva) contra uma tripla exclusão: a racial, a de gênero e a de classe.

2. Representação da mulher

Na dedicatória de “Ponciá Vicêncio”, Evaristo afirma que o livro é de seus irmãos e irmãs, testemunhos de tantas histórias e também de muitas pessoas que atravessam os seus dias deixando um confortante sabor de ternura. Assim, a história de Ponciá, com seus sonhos e desencantos, é a história de muitas outras mulheres. Muitos dramas e conflitos vivenciados pelas mulheres são retratados no livro, como no fragmento a seguir, em que a protagonista sofre por não conseguir manter a gravidez:

A cada gravidez sem sucesso, ele bebia por longo tempo e evitava contato com ela. Depois voltava, dizendo que iria fazer outro filho e que aquele haveria de nascer, crescer e virar homem. Ponciá já andava meio desolada. Abria as pernas, abdicando do prazer e desesperançada de ver se salvar o filho. (EVARISTO, 2003, p. 53).

Ser mãe, esposa e dona de casa era considerado o destino natural das mulheres. Maternidade, casamento e dedicação ao lar faziam parte da essência feminina. Assim, o sucesso de seus filhos e marido é o seu sucesso, pois a felicidade pessoal da mulher da época

estava limitada ao seu lar. É um viver para os outros – a casa e a família, e não para si mesma. Assim, durante anos, as mulheres foram levadas a buscar sua identidade no que a sociedade julgava serem os principais atributos femininos: boa dona de casa, boa cozinheira, mãe e esposa. Seu valor como pessoa era medido através da forma como desempenhava os papéis traçados para ela. Segundo Ana Maria Wilson Maia, em “*Mulher é desdobrável – a mulher e o semblante*”, Freud coloca a feminilidade como uma conquista a ser realizada pela menina que escolhe um dos seguintes caminhos: a neurose, o complexo de masculinidade ou a feminilidade, onde o tornar-se mulher equivale ao tornar-se mãe.

Na infância, a protagonista acreditava que ao passar debaixo de um arco-íris poderia virar menino. Adulta, após ser agredida pelo marido, esse desejo vem à tona:

Deu-lhe um soco violento nas costas, gritando-lhe pelo nome. Ela lhe devolveu um olhar de ódio. Pensou em sair dali, ir para o lado de fora, passar por debaixo do arco-íris e virar logo homem. Levantou-se, porém, amargurada de seu cantinho e foi preparar a janta dele”. (EVARISTO, 2003, p.. 20).

No final do século XIX e começo do século XX encontramos escritos de Marx e Engels abordando a idéia da libertação da mulher. A visão da família, da mulher proletária e da burguesa que permeiam o livro “A origem da família, da propriedade e do Estado”, de Engels, é a base da visão dos socialistas da necessidade da libertação da mulher proletária. A frase de Marx “A opressão do homem pelo homem iniciou-se com a opressão da mulher pelo homem” é uma síntese da sua visão sobre o assunto. Estas idéias demoraram a dar seus frutos, mas deram.

Os estudos feministas, visando a luta das mulheres pela emancipação e visibilidade no mundo social e profissional, têm se desenvolvido, de um modo relativamente firme, desde os anos 60, apesar de O Segundo Sexo, de Simone de Beauvoir, marco fundamental literário e sociológico, datar de 1949.

Uma parcela importante dessa “revolução” passa, inegavelmente, pelo reconhecimento e incorporação da crítica feminista no âmbito dos estudos literários.

Desde 1970, a crítica literária feminista tem assumido o papel de questionadora da prática acadêmica patriarcal, influenciando a ordem social, questionando valores e o que as mulheres têm direito: voz, voto, opinião... Rebate o espaço relegado a mulher na sociedade, bem como as conseqüências e reflexos na literatura; investiga o modo pelo qual o texto está marcado pela diferença de gênero, diferença esta que não existe fora do contexto ideológico, sendo parte de um processo de construção social e cultural.

A escritura feminina pode surgir, muitas vezes, do relato das vivências da mulher no

seu dia-a-dia, do seu estar no mundo. Durante a obra, vários excertos comentam acerca da diferença entre homem e mulher. No fragmento abaixo, a protagonista reflete sobre as diferenças entre o temperamento dela e do marido:

Ponciá Vicêncio achava que os homens falavam pouco. O pai e o irmão haviam sido exemplos do estado da quase mudez dos homens no espaço doméstico. Agora, aquele, o dela, ali calado, confirmava tudo. Ele também só falava o necessário. Só que o necessário dele era bem pouco, bem menos que a precisão dela. Quantas vezes quis ouvir, por exemplo, se o dia dele tinha sido difícil, se o pequeno machucado que ele trazia na testa tinha sido causado por algum tijolo, ou mesmo saber quando começaria a nova obra.(...) e, então, um misto de raiva e desaponto tomava conta dela, ao perceber que ela e ele nunca iam além do corpo, que não se tocavam para além do corpo, que não se tocavam para além da pele. (EVARISTO, 2003, p. 67).

Outro trecho interessante é uma reflexão do marido de Ponciá sobre os conflitos gerados pela diferença entre os dois gêneros:

Descobriu como eram sós. Percebeu que cada um tinha os seus mistérios. Sentiu que, apesar de estarem vivendo juntos anos e anos, como eram estranhos um para o outro. Descobriu que, apesar de já se terem encontrado tantas vezes no gostoso prazer do corpo, apesar de ela já ter guardado tantas vezes o caldo quente dele e este caldo se ter transformado sete vezes em vida, apesar de tudo, ela e ele eram desesperadamente sozinhos. Desde então, ao perceber a solidão da companheira e a sua própria, o homem viu na mulher o seu semelhante e tomou-se de uma ternura intensa por ela. Conseguiu, então, entender as falas dela. (EVARISTO, 2003, p.109).

Antes, a mulher era explicada pelo homem, como disse a personagem do romance *As meninas*, de Lygia Fagundes Telles. Agora é a própria mulher que se desembrulha, se explica, inclusive nas questões relativas ao prazer:

Nem prazer os dois tinham mais. Lembrou-se, então, de quando viveu o prazer pela primeira vez. Estava com uns 11 anos, talvez. Tinha acabado de passar por debaixo do arco-íris. Apavorada, deitou-se do outro lado do chão e começou a apalpar o corpo para ver se tinha sofrido alguma modificação. Quando tocou lá entre as pernas, sentiu um ligeiro arrepio. Tocou de novo, embora sentisse medo, estava bom. Tocou mais e mais lá dentro e o prazer chegou apesar do espanto e do receio. (EVARISTO, 2003, p.44).

Moça Bilisa se sabia ardente, deitara algumas vezes com os companheiros de roça e alguns saíam mais e mais desejosos dos encontros com ela. Um dia, um homem enciumado chamou Bilisa de puta. A moça nem ligou. Puta é gostar do prazer. Eu sou. Puta é esconder no mato com quem eu quero? Eu sou. Puta é não abrir as pernas para quem eu não quero? Eu sou. (EVARISTO, 2003, p.99).

Assim, vivemos num momento histórico literário, cultural e econômico que permite escutar as vozes de grupos minoritários. A literatura contemporânea privilegia o discurso periférico negro, mulher, índio, homossexual, até então excluídas do processo histórico oficial e permite uma liberdade de expressão, de escolha e questionamento. Não interessa apenas o cânone.

3. Alteridade e transgressão do discurso oficial

Segundo Marli Fantini Scarpelli, a história nos mostra que as mulheres se impõem como elementos de preservação, resistência e rebeldia e através de testemunhos, romances, poemas, narrativas orais, cantigas e meios de comunicação de massa vão engedrando importantes espaços de reflexão crítica e denúncia contra toda forma de opressão, ditadura, colonialismo, escravidão...

A poesia de Evaristo, em muitos momentos tem uma voz feminina coletiva. Segundo Maria José S. Barbosa, os significados nas entrelinhas são bastante complexos e acabam nos remetendo às profundas buscas que as pessoas fazem de si mesmas e ao questionamento do mundo ao seu redor. De seus poemas, destacaremos o conhecido "Vozes-mulheres", que figura até hoje como espécie de manifesto-síntese de sua poética:

VOZES MULHERES

A voz de minha bisavó ecoou
criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
De uma infância perdida.

A voz de minha avó
Ecoou obediência
Aos brancos donos de tudo.
A voz de minha mãe
Ecoou baixinho revolta
No fundo das coxinhas alheias
Debaixo das trouxas
Roupagens sujas dos brancos
Pelo caminho empoeirado
Rumo à favela.

A minha voz ainda
Ecoa versos perplexos
Com rimas de sangue
E
Fome.

A voz de minha filha
Recolhe todas as nossas vozes
Recolhe em si
As vozes mudas caladas

Engasgadas nas gargantas.
A voz de minha filha
Recolhe em si
A fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
Se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade. (EVARISTO, 1990)

Neste poema, além da literatura feminina, convém ressaltar também a temática racial, pois há um eu lírico que fala por si e pelos seus, celebrando costumes étnicos e tradições ancestrais e não esquecendo o passado de sofrimento, pois este representa também resistência à opressão. Podemos observar uma mudança de posicionamento, pois a mulher negra deixa de ser somente objeto, tema para uma literatura alheia e passa a criar a sua própria, assumindo o papel de sujeito, de acordo com a continuidade das gerações: bisavó, avó, mãe (eu poético) e filha, que reúne todas as vozes das gerações anteriores.

A própria Conceição Evaristo afirma, em *Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira*, que para determinados povos, principalmente os que foram colonizados, a poesia pode se apresentar como um lugar de criação, de manutenção e de difusão de memória identitária. Pode se tornar, ainda, lugar de transgressão ao discurso oficial, quando apresenta fatos e interpretações novas a uma história que aparece marcada somente pela autoria do colonizador. E ser, também, uma arte esteticamente transgressora, ao se destoar dos modelos de um fazer poético consagrado pelo colonizador.

No mesmo artigo, a escritora cita Homi Bhabha, ressaltando que pela poesia, o colonizado não só encena o “direito de significar”, como também questiona o direito de nomeação que é exercido pelo colonizador. Pela poesia o colonizado além de se autoneamar, questiona a nomeação que o colonizador impõe sobre ele e sobre o seu mundo.

Assim, podemos observar que a literatura pode servir como palavra conscientizadora para o povo, arma, estratégia de luta, e a literatura negra, especificamente, contribui para afirmar a identidade do seu povo.

No livro Ponciá Vicêncio, também observamos marcas da subalternidade. Ao falar em subalternidade, nos referimos à produção de identidade que algumas pessoas se submetem, porque introjetam e assumem a perspectiva do colonizador, que apontava o diferente como inferior. Segundo Bhabha, o objetivo do discurso colonial é apresentar o colonizado como uma população de tipos degenerados com base na origem racial de modo a justificar a conquista e estabelecer sistemas de administração e instrução (2005, p.111). Com o passar do tempo, a sociedade reiterou este conceito, classificando os opostos não como diferentes, e sim em superiores e inferiores, como nos pares homem/mulher, civilizado/selvagem, ocidental/oriental, negro/branco, rico/pobre. No fragmento abaixo, Ponciá lamenta o fato de o casamento não lhe trazer felicidade e acredita que a culpa é exclusivamente dela:

Lembrou-se também de que, quando era pequena, vivia sonhando com o dia em que, grande, teria um homem e filhos. Lá estava ela agora com seu homem, sem filhos e sem ter encontrado um modo de ser feliz. Talvez o erro nem fosse dele, fosse dela, somente dela. Ele era assim mesmo. (EVARISTO, 2003, p.54).

Segundo Ângela Batista, em “*A escrita feminina e o semblante*”, a escrita do feminino pode mostrar a falta ou a dor da falta, pode ser entendida como um apelo ao Outro no sentido de causar desejo, uma estratégia feminina de manter um véu sobre a verdade que ela própria encarna, ainda que não toda.

Assim, o momento histórico vivido hoje pode possibilitar à mulher de origem africana admitir-se como sujeito amoroso, sem abdicar-se de sua condição político-cultural.

ABSTRACT:

The following work aims to analyse some aspects of woman in the Conceição Evaristo's production. Be mother, wife and housewife was considered the natural destiny of women and the contemporary literature has been pondered a new way of saying the feminine universe which does not exclude the importance of men through a radical and exhausted position, which used to separate the masculine and feminine in a real war of the sexes.

Key words: Woman; Alterity; Feminine; Introspection; Opression.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Abril Cultural, Brasiliense, 1985.

ARRUDA, Aline Alves. **Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo: um bildungsroman feminino e negro**. Disponível em: http://64.233.169.104/search?q=cache:TT4nft7yvPwJ:www.colegiopampulha.com.br/documentos/2_bimestre/poncia_vicencio_conceicao_evaristo.doc+Ponci%C3%A1+vic%C3%A4ncio:+feminino+e+negro%2BAline+Arruda&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=1. Acesso em 28 de nov. 2007.

BEAUVOIR, Simone de. **O 2º sexo: fatos e mitos**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 1998

COELHO, Nelly Novaes. **A literatura feminina no Brasil contemporâneo**. São Paulo, Siciliano, 1996.

CUNHA, Helena Parente (org.). **Desafiando o cânone: aspectos da literatura de autoria feminina na prosa e na poesia (anos 70/80)**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.

D'ÁVILA NETO, Maria Inácia. **O autoritarismo e a mulher – O jogo da dominação macho-fêmea no Brasil**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1980.

DUARTE, Constância Lima. SCARPELLI, Marli Fantini (org.). **Gênero e representação nas literaturas de Portugal e África: ensaios/ Coleção Mulher e Literatura. Vol.III.** BH, Pós Graduação em Letras: Estudos Literários: UFMG, 2002.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio.** Belo Horizonte: Mazza, 2003.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira.** Disponível em: <http://www.sec.rj.gov.br/atabaquevirtual/literatura.html>. Acesso em 04 de nov. 2007.

FONTES, Maria Aparecida. A transladação do corpo: amor, erotismo, revolução cultural e poiesis. In:CUNHA, Helena Parente (org.). **Desafiando o cânone: aspectos da literatura de autoria feminina na prosa e na poesia (anos 70/80).** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999. p. 151-170.

GOTLIB, Nádya Battela. A literatura feita por mulheres no Brasil. Disponível em <http://www.mulheraliteratura.ufsc.br/artigo_nadia_gotlib.htm> acesso em 10.Mar.2005.

MURARO, Rose Marie. Ponto de mutação. In: ___; BOFF, Leonardo. **Feminino e masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças.** Rio de Janeiro: Sextante, 2002. P. 119-287.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. **Elogio da diferença: o feminismo emergente.** São Paulo, Brasiliense,1993.

PRIORE, Mary Del (org.) BASSANEZI, Carla (coord.de textos). **História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2000.**

VÁRIOS AUTORES. **Cadernos Negros 13,** São Paulo: Quilombhoje, 1990.